

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

LISLAINE CAROLINE PONCE

EDUCAÇÃO EM AGOSTINHO DE HIPONA: O PAPEL DO MESTRE
TERRENO NA FORMAÇÃO HUMANA

MARINGÁ

2022

LISLAINE CAROLINE PONCE

EDUCAÇÃO EM AGOSTINHO DE HIPONA: O PAPEL DO MESTRE TERRENO NA
FORMAÇÃO HUMANA

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Prof. Dr. José Joaquim Pereira
Melo

MARINGÁ

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida; por ensinar a mim, tão vil criatura vossa, a ultrapassar e tirar proveito dos obstáculos que me sobrevieram ao longo desses anos, especialmente durante minha trajetória no desenvolver da graduação, inspirando-me sempre na busca pela perfeição.

Aos meus familiares, pais, esposo, filhas, irmãos e meus sogros; que auxiliaram em todas as minhas necessidades, desde as físicas a demandarem algum sacrifício de sua parte até as emocionais. Sempre encontrei neles palavras de entusiasmo e ânimo para seguir em frente.

Aos meus irmãos de fé e de vocação, que deram sentido à minha formação, incentivando-me a buscar a verdade para aprender a amar.

Agradeço ao professor e orientador Dr. José Joaquim Pereira Melo, pela atenção e pelos cuidados no desenvolver dessa pesquisa; por ter sido uma das partes fundamentais para que esse trabalho pudesse ser encaminhado, principalmente pela paciência diante dos imprevistos que surgiram ao longo desse tempo dando todo suporte teórico necessário.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte de minha formação, tornando possível chegar até aqui.

“Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”.

(Agostinho de Hipona)

PONCE, Lislaine Caroline. **Educação em Agostinho de Hipona**: o papel do mestre terreno na formação humana. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2022.

RESUMO

O presente trabalho expõe algumas reflexões acerca da educação, proposta por Agostinho de Hipona, tendo em vista o que concerne ao papel do professor e elegendo como referência a teoria de Palavras composta pelo autor. Agostinho de Hipona compôs uma vasta obra na qual estão presentes elementos pedagógicos que se destinam à formação do homem cristão de seu tempo. Na proposta de educação agostiniana, entende-se que o processo educativo não é dirigido pelos homens, mas pelo próprio Deus, sendo esse processo denominado pelo autor como Iluminação. Nessa perspectiva, o professor não é o responsável por ensinar, mas sim aquele que instigará o aluno a buscar o conhecimento. Suas reflexões sobre ensino-aprendizagem o levaram a compreender que, para o homem chegar ao conhecimento, é de grande importância o uso das palavras, pois, por meio delas, o professor realizará sua tarefa de despertar no aluno a busca pelo conhecimento.

Palavras-chave: Hipona; Agostinho; Palavras; Educação.

PONCE, Lislaine Caroline. **Education on Augustine of Hippo**: the role of the earthly master in human formation. Course Conclusion Work (Pedagogy Graduate Program) – Maringá State University. Maringá, 2022

ABSTRACT

The present work exposes some reflections about education, proposed by Augustine of Hippo, considering what competes with the role of the teacher and choosing the theory of Words composed by the author as reference. Augustine of Hippo composed a vast work in which are present pedagogical elements that are intended to the formation of the Christian people of his time. In the Augustinian educational proposal, it is understood that the educational process is not directed by the people, but by God Himself. This process referred by the author as Divine Illumination. In this perspective, the teacher is not the one responsible for teaching, but the one who will instigate the student to seek knowledge. His reflections on teaching-learning led him to understand that, to reach knowledge, it is of great importance the use of words for man, because, through them, the teacher will accomplish his task of awakening the search for knowledge in the student.

Keywords: Hippo; Augustine; Words; Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	SOBRE AS FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	12
3	CONTEXTO HISTÓRICO DE AGOSTINHO DE HIPONA: O FILME DE SUA VIDA.....	16
4	O MESTRE NA CONCEPÇÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA: PALAVRAS E SINAIS.....	21
5	MESTRE TERRENO: O PROFESSOR EM AGOSTINHO DE HIPONA.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como preocupação e objetivo discutir o papel do mestre terreno na formação humana, o processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Agostinho de Hipona¹, partindo da importância e relação que ele estabelece entre a palavra e signo nesse processo.

Quanto aos objetivos específicos, procurou-se entender o período histórico que deu condições à produção do pensamento agostiniano; desvendar como, nessa dinâmica, palavras e sinais, favoreciam a relação mestre-aluno; discutir a ação pedagógica divina na interioridade humana.

A elaboração do projeto que resultou nesse trabalho ocorreu durante o Ensino Remoto Emergencial (Resolução CEP – 023/2021), em decorrência da COVID19, quando em pesquisa se teve um maior contato com o pensamento agostiniano em razão de leitura de textos que tratavam do conceito de educação desse pensador. Tais condições viabilizaram uma maior compreensão desse pensar formativo, bem como de possíveis ecos desse pensar na contemporaneidade.

Justifica-se o interesse nesse tema pela importância de obter um aprofundamento nas teorias que nortearam as questões pedagógicas, mesmo aquelas que desempenharam um papel formativo para responder às demandas de seu tempo histórico em outras culturas e para outros homens. Entretanto, os seus reflexos ainda se fazem sentir na atualidade, particularmente no tocante ao magistério da Igreja e nas escolas confessionais de caráter agostiniana. As concepções trazidas por Agostinho de Hipona em seus aspectos morais e éticos foram de fundamental importância para o ensino e aprendizagem de sua época. Vale lembrar que, em termos de educação informal, essas orientações ainda são encontradas e vigentes na sociedade Ocidental cristã. Logo, há a necessidade de compreendermos os aspectos que subsidiaram o campo educacional e nos apontam caminhos para possíveis novas reflexões no que diz respeito ao tema.

¹ Importante teólogo e filósofo nos primeiros séculos do cristianismo, suas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental. Bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África.

O pensamento Agostiniano teve tal importância para os homens de sua época que se tornou um dos principais filósofos da Patrística – vertente filosófica ou ciência que se dedica ao estudo da doutrina dos cognominados Santos Padres da Igreja Católica. Esse movimento no seio da Igreja elaborou reflexões que contribuíram para a formação da filosofia e da teologia católica, das doutrinas e verdades consideradas sagradas que tinham por fim munir a fé de argumentos racionais.

Não se pode compreender a pedagogia medieval, nem se lhe pode aquilatar a Filosofia da Educação sem o prévio conhecimento do legado doutrinário dos Antigos e dos Santos padres. Aliás, até o século XIII, a orientação educacional da Idade Média foi visceralmente agostiniana e Santo Agostinho foi o último Santo Padre e o grande inspirador do pensamento medieval (NUNES, 1979, p. 5).

Ainda que Agostinho de Hipona não tenha produzido uma obra específica sobre a educação, não significa que ele não se preocupou com a formação do homem de seu tempo. Conforme se pode encontrar fragmentado em sua vasta obra, há reflexões voltadas para o tema. No que podemos considerar sobre a sua concepção pedagógica, consta, entre outras, a sua defesa de que o homem deveria buscar a sua formação; no entanto, o homem por si só não conseguiria desenvolver esse processo, pois era o próprio Deus que dirigia o mesmo, constituindo-se, assim, no grande e único Mestre, o que torna o mestre terreno um colaborador nesse processo (PEREIRA MELO, 2010).

Nessas suas elaborações pedagógicas – por extensão, formativas –, Agostinho de Hipona desenvolveu um conceito de palavra, estabelecendo sua relação com a linguagem e o ensino, para que essa orientação pudesse favorecer o mestre terreno na formação do homem cristão, pois entendia que “[...] nada mais pretendemos com a locução, além de ensinar” (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.13). Para ele, se bem empregadas, as palavras favoreceriam o mestre terreno na parte que lhe cabia na ação formativa e, como efeito disso, uma melhor ação formação do homem cristão.

Embora Agostinho de Hipona assevere que o único e verdadeiro mestre é Deus, o professor enquanto mestre terreno possui um papel importante na medida

que se constituía como um auxiliar de Deus nesse processo de levar o homem à Verdade. Sendo assim, qual é o papel do mestre terreno na formação humana sob perspectiva Agostiniana? Quais as suas contribuições para que o homem conheça a verdade? Como se daria esse processo de encontro do homem com a Verdade Plena?

Para responder aos objetivos propostos, privilegiou-se como fontes as reflexões agostinianas que têm por títulos “O Mestre”, bem como outras que se fizeram necessárias, conforme o desenvolvimento da pesquisa, quais sejam: A “Doutrina Cristã” (396-426), “Confissões” (397), “Solilóquios” (386-387), e “Instrução dos Catecúmenos” (399). Desse modo, para realizar uma síntese dessa produção, foi necessário levar em consideração os aspectos da pesquisa que estão distribuídos nessas obras.

Assim, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio de consultas a livros, revistas, artigos científicos, entre outros.

Em sua realização, procedemos inicialmente um breve levantamento do que estudos e pesquisas discutem nos últimos anos acerca desse tema. Verificamos que a maioria das pesquisas em Agostinho de Hipona dão maior ênfase nos temas em que se discute: moral, pecado, amor, mal, felicidade e verdade. Percebeu-se que os temas exclusivamente voltados à educação, no Brasil, ainda são poucos nos últimos tempos, visto as novas preocupações que têm pautado a educação brasileira.

Vale considerar que os resultados apresentados neste texto foram orientados e/ou fundamentados pela pesquisa qualitativa, descritiva, a partir de uma revisão bibliográfica. No tocante a essa forma de abordagem, podemos dizer que

“A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 269).

No que se refere a importância do estudo sobre a temática Agostiniana, considera-se a possibilidade de tais investigações contribuir com o desenvolvimento da história e da filosofia da educação, e ainda oferecerem provocações acerca de novas reflexões no que diz respeito ao fenômeno educativo,

tornando-se, um tema atual, tanto para se refletir sobre o papel dos professores nesse processo, quanto para examinar as teorias pedagógicas que contribuíram para a História da Educação, e assim, traçar caminhos para a prática pedagógica na contemporaneidade sem desprezar conhecimentos já estabelecidos.

2 SOBRE AS FONTES E BIBLIOGRAFIA

O acervo dos escritos de Agostinho de Hipona contempla uma média de 750 reflexões, dentre elas cartas e sermões, alcançando a marca de cerca de 100 livros. Nesta a vasta obra produzida, encontram-se contribuições muito significativas para diversos temas, inclusive a área da educação.

Compreende-se que as reflexões agostinianas nasceram em razão da necessidade do período histórico vivenciado pelo autor, mas que não se delimitou apenas ao momento vivido. Sua obra perpassou por toda a história e tem reflexo até os dias atuais.

Em “O Mestre” (389), por meio de um diálogo com seu filho Adeodato, o autor aborda as temáticas sobre as palavras e sinais utilizados pelo mestre no processo de ensino e aprendizagem que trataremos neste trabalho.

Esses conceitos – palavras e sinais – fazem parte do corpo pedagógico do seu pensar na medida em que estão relacionados ao processo ensino-aprendizagem: “[...] estabeleço desde já dois motivos por que falamos: ou ensinar ou rememorar, quer aos outros quer a nós mesmos” (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p. 14). Ou seja, para ele, o principal motivo da fala é para instruir.

Para o autor, isso ocorre quando palavras e sinais são bem utilizados pelo mestre, favorecendo a compreensão por parte do aluno, pois, para Agostinho de Hipona, tudo possui um sentido, “[...] Com efeito, denominamos em geral sinais a tudo aquilo que significa alguma coisa, e entre eles verificamos que também estão as palavras” (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p. 28).

Na obra “Instrução dos Catecúmenos” (AGOSTINHO, 399), o autor defende que é necessário não estar voltado para o uso da palavra em preleções, ou seja, não se preocupar com a escolha de palavras simplesmente pela sua locução, mas é preciso que o educador as dirija a fim de que o seu aluno consiga chegar à verdade, que é seu principal objetivo.

No livro “Confissões” (397), Agostinho de Hipona traz aspectos pessoais de sua vida. Desse modo, é possível analisar o pensamento agostiniano a partir de como ele avalia sua vida e o período histórico em que viveu, pois, nesse escrito

considerado uma de suas principais obras, o autor descreve sua autobiografia

Pereira Melo (2010) entende que, no século IV e V – período em que viveu Santo Agostinho –, a sociedade vivenciava a consolidação do cristianismo em meio à crise social, econômica e política. Dessa forma, desabrochava-se, então, um novo tempo para o pensamento ocidental que requisitava um novo modelo de homem, o homem cristão.

Um dos fatores de relevância e contribuição do pensamento Agostiniano para aquele momento foi o estabelecimento da relação entre fé e razão. No seu “Solilóquios” (386-387), encontramos reflexões sobre esse pensar agostiniano. Essa obra trata-se de um diálogo entre “Agostinho” e a “razão”; assim, pode-se entender que a Razão é o mestre interior (CARY, 1994).

Nessas suas reflexões, Agostinho de Hipona explica a relação entre Deus e a razão humana. Deus é como o sol, que pode ser visto pelos olhos humanos da mesma forma que pode ser visto pela sua razão,

Como no sol pode-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, quem tu desejas compreender, devem-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas (AGOSTINHO, Solilóquios, 2010, p. 34).

No mesmo “Solilóquios”, podemos levantar como Agostinho enfatiza esse processo, quando destaca:

Porque as faculdades da alma são como que os olhos da mente: como as coisas que são certas no âmbito das ciências são tais como as coisas que são iluminadas pelo sol para que possam ser vistas [...] mas Deus é quem ilumina. Assim, eu, a razão, estou na mente como a visão nos olhos (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p. 30).

Em “A Doutrina Cristã” (396-426), Agostinho defende que, para haver uma aprendizagem, é necessária a ação Divina. Sem a qual, ela não se efetiva, pois é o próprio Deus que nos faz encontrá-la. Diferente da fruição carnal, Ele realiza com um sumo deleite espiritual de modo que leve o homem a se interiorizar com aquele que habita em seu interior.

Nessa altura das suas reflexões, Agostinho de Hipona concebe a sua teoria da Iluminação Divina, que versa sobre uma luz que não é material e que se atinge no conhecimento da verdade por um processo de interiorização e de busca.

No desenvolvimento desse trabalho, para além, das fontes mencionadas, fez-se necessário uma bibliografia de suporte para melhor fundamentar historicamente nossa reflexão. A título de exemplo, selecionamos três textos que são voltados especificamente para a educação agostiniana e que compuseram parte do referencial bibliográfico.

Ruy Nunes (1978), em seu livro “História da Educação na Antiguidade”, discorre sobre a importância da obra de Santo Agostinho. O livro contém um estudo sobre o pensamento educacional no mundo antigo e destaca os mestres que fizeram parte desse período. Nunes considera que Santo Agostinho elaborou e sistematizou com mais apuro a obra educacional dos chamados Santos Padres. Dessa forma, constituiu um verdadeiro patrimônio intelectual e um autêntico ideário pedagógico para a Idade Média, que acendeu posteriormente a esse período.

Já “Santo Agostinho e a Educação como um Fenômeno Divino”, de José Joaquim Pereira Melo (2010), propõe um estudo do homem proposto pelo cristianismo, o homem santificado, no qual expõem as reflexões no âmbito educacional que são propostas pelo pensamento Agostiniano.

Nessa proposta, Pereira Melo (2010) discute a teoria da Iluminação Divina, em que Deus era o único mestre. Nesse sentido, o processo intelectual é dirigido pelo próprio Deus na medida em que o homem exterior (matéria e mortal) concedia espaço para o homem interior (espiritual e imortal).

A dissertação de mestrado de Mariana Rossetto de Souza (2013), intitulada “Santo Agostinho e a educação: a caminhada do homem em busca do mestre interior”, compreende a caminhada educativa do homem na perspectiva agostiniana para que alcance o ideal da formação humana, a sua santificação. Nessa perspectiva, dentre os pontos abordados em sua pesquisa, a autora busca compreender os aspectos didáticos da educação em Agostinho de Hipona com a finalidade de trazer contribuições para a sociedade atual.

Desse modo, compreendendo a importância da obra considerada atemporal, nota-se que Agostinho de Hipona traz contribuições relevantes para a educação. Com o intuito de chegarmos à finalidade dessa investigação, traçamos um caminho

metodológico apontando a compreensão do papel do mestre terreno na formação humana.

Consideramos esse estudo não só de cunho qualitativo e descritivo, uma vez que dá o respaldo necessário para que alcancemos o objetivo e possamos relacionar os dados na etapa de interpretação; mas também dedutivo, visto que os aspectos a serem pesquisados estão espalhados pela obra de Agostinho de Hipona.

Para tanto, observamos a necessidade de compreender o contexto histórico em que essa teoria teve sua origem. Além dos aspectos históricos sociais, buscaremos relacionar aos dados pessoais da vida do autor para compreender os motivos e princípios que nortearam suas reflexões e considerações.

Procuramos em sua obra compreender o conceito de mestre, bem como os conceitos de palavras, sinais e de Iluminação Divina, com o intuito de entender o modo como o autor relaciona esses conceitos com o ensino e aprendizagem, buscando estabelecer relações com as teorias apresentadas acima, além de outros pesquisadores especializados nos fundamentos lançados por Agostinho de Hipona.

3 CONTEXTO HISTÓRICO AGOSTINHO DE HIPONA: O FILME DE SUA VIDA

Nesta seção, serão apresentados aspectos históricos do contexto em que viveu Agostinho de Hipona que irão subsidiar a compreensão dos princípios de uma filosofia da educação presente em obra e que darão corpo ao nosso objetivo de pesquisa.

Veremos ainda uma breve síntese dos fatos mais importantes de sua jornada pessoal, como sua infância, vida de estudos, traços da busca pela “verdade”, sua conversão à religião Cristã, principais personagens que marcaram sua vida, entre outras questões, que nos levarão à compreensão dos principais conceitos elaborados pelo autor, anteriormente mencionados.

Para compreendermos Agostinho de Hipona, faz-se necessário levar em consideração o pensamento que se produzia na Europa Ocidental nos séculos IV e V. Esse período foi marcado por mudanças significativas no que se refere à sociedade. Nesse tempo, conforme já supracitado, houve transformações nas condições econômicas, políticas e sociais, principalmente nos costumes e valores. A Igreja assumiu um papel de destaque. De acordo com Souza (2013), nesse período, o Império Romano passou a receber gradativamente a influência do Cristianismo. De acordo com Bark (1979, *apud* SOUZA 2013), com sua força moral, ativa e positiva, o Cristianismo influenciou essa sociedade.

Desse modo, a história do pensamento ocidental no século IV dá espaço para o pensamento cristão, que teve em Agostinho de Hipona, seu grande representante,

[...] em especial quando se tem em conta que foi no pensamento cristão e pelo pensamento cristão que a cultura clássica chegou ao Mundo Ocidental. Nesse processo, papel de destaque foi reservado a Santo Agostinho, pela defesa que este montou em favor da utilização do saber clássico pela sabedoria cristã. (PEREIRA MELO, 2010, p.56).

De acordo com Nunes (1978), é considerado o último pensador do mundo antigo.

Aurelius Augustinus, mais conhecido por Agostinho de Hipona, nasceu em Tagaste no norte da África no ano de 354. Desde criança, recebeu uma educação que, mais tarde, ele mesmo considerou pagã, visto o seu conteúdo clássico, ou seja, voltado à cultura clássica.

Em sua obra “Confissões” (397), podemos encontrar o retrato de sua vida desde a mais terna idade. Assim, também podemos nos deparar com a realidade social da

época. No entanto, o autor afirma que não se lembra muita coisa desse período vivido. Para tanto, a narrativa de outras informantes o ajudou nessa tarefa de reconstituir seu percurso formativo e autobiográfico.

Seu pai era soldado “pagão”, esforçado e dedicado à educação intelectual de Agostinho, “homem que, adivinhando o gênio de seu filho, por amor dele se sacrificou, para o educar, para além das suas possibilidades econômicas” (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, 1996, p.10). Além disso, era de posses e converteu-se ao catolicismo ao final de sua vida.

Sua mãe Mônica foi uma jovem que recebeu uma severa educação cristã e se manteve fiel à sua religião até o final da sua vida (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, 1996). A sua fé piedosa, fidelidade à sua religião, acrescida da sua dedicação e persistência na conversão do filho, tornou-a piedosa, tanto que se alcançou mérito e honra dos altares na religião Católica.

Agostinho de Hipona inicia seus estudos em Tagaste, sua cidade natal, a fim de aprender as primeiras letras. Ao longo dessa fase inicial, demonstra insatisfação ao não encontrar sentido na educação em exercício, conforme deixou registrado. Já quando adulto:

Ó Deus, meu Deus, de que sofrimentos e desilusões padeci, quando ao menino que eu era propunham que o ideal da vida era obedecer aos mestres para prosperar neste mundo, para granjear, com a arte da palavra, o prestígio dos homens e as falsas riquezas! Fui enviado à escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado à vara (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p. 21).

Conforme o mestre da Patrística, há uma crítica à educação da época, particularmente no que se refere aos castigos impostos aos discípulos. Ele demonstra que esses castigos podem ser o motivo da dificuldade em aprender, pois eram correções violentas. Exemplo disso pode ser tirado do seu estudo do grego em que teve grandes dificuldades, a ponto de não dominar a língua. Ao contrário do seu aprendizado em latim, uma vez que, segundo ele, não sentiu tal dificuldade, pois afirma ter aprendido de forma natural, como um meio de expressar seu sentimento.

Eu não conhecia palavra alguma dessa língua. E para me fazerem aprendê-la, me forçavam violentamente com terríveis ameaças e castigos. Outrora, quando menino, nem mesmo do latim eu conhecia alguma coisa; no entanto, eu aprendi, com um pouco de atenção, sem temores nem castigos, em meio aos carinhos, sorrisos e brincadeiras de minhas amas. Aprendi sem a pressão dos

castigos e ameaças, impelido pela necessidade que sentia no coração de exprimir meus pensamentos, o que não teria sido possível sem aprender algumas palavras, provindas daqueles que falavam, e não daqueles que ensinavam (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p.25).

Respaldado na sua experiência pessoal, defendeu que o ensino deve ser feito com base nos interesses e necessidades dos alunos, pois considerava que era mais eficaz aprender por meio da livre curiosidade do que por meio de ameaças e constrangimento ao discípulo.

Aos 12 anos, foi para Madauro, onde estudou retórica, mas retorna à casa antes de concluir o estudo. Retomará a esse estudo aos 17 anos, em Catargo, concluirá aos 19 anos. Viveu mais de uma década com uma mulher, a qual nunca se casou e deu à luz a seu filho Adeodato no ano de 372.

No ano de 373, segundo seu relato, leu a obra “*Hortênsio*”, de Cícero², por qual se apaixonou por essa leitura. Tratava-se de um diálogo que se perdeu ao longo da história e não temos acesso atualmente. Mais tarde, realizou a leitura das “Sagradas Escrituras”, movido por curiosidade. Buscava encontrar a “verdade”, mas não a levou em grande conta por considerá-las insignificantes, sem importância acadêmica.

Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, 43 e, no meu orgulho, sentia-me grande (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p.47).

Em sua busca pelo que entendia por verdade, aderiu aos 20 anos ao maniqueísmo, na seita dos Maniqueus, voltada a um pensamento racionalizante em busca pela verdade, porém notou que “me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades” (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p. 47). Permanecerá na seita por quase uma década. Ao deixá-la, estava decepcionado, conforme relato por ele mesmo prestado.

Em ocasião da morte de seu pai, as condições financeiras tornaram-se difíceis. Para tanto, Agostinho de Hipona começou a se dedicar ao ensino de gramática em Cartago. Não muito obstatante, sua mãe Mônica o expulsa de casa acusando-o de heresia e libertinagem (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, 1996). Ele se encontrará com

² Um dos mais importantes filósofos da Roma antiga, nascido em Arpino no ano 106 antes de Cristo.

Romaniano, um velho amigo que o ajuda a ir até Cartago onde abrirá uma escola de retórica. Em razão de sua virtuosidade, muitos alunos começam a segui-lo.

No ano de 383, em Cartago, tem um encontro com Fausto, o Bispo Maniqueísta, do qual esperava receber explicações eloquentes quanto à busca pela verdade, mas seu discurso não o convenceu, de modo a decepcioná-lo e provocar a crítica: “Meus ouvidos já estavam saturados de semelhantes discursos; não me pareciam melhores porque feitos em linguagem mais burilada, ou mais verdadeiros por serem mais eloqüentes” (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p.76).

Do ano de 384 a 386, lecionará em Milão. Nesse período, atravessará uma crise com o Ceticismo, pois, nesse momento, para ele, a verdade lhe parece inacessível. Tal circunstância o motivou a seguir o neoplatonismo, atraído pela espiritualidade fundada no desprezo das paixões tal qual ele sentia a necessidade de libertar-se da escravidão dos sentidos nesse período.

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p. 111).

Foi nesse período em Milão que ocorreram os encontros com o Bispo Ambrósio (383–387); esses encontros foram essenciais para oportunizar sua conversão. Além disso, também teve o contato com as cartas de Paulo de Tarso³ (REALE; ANTISERI, 1990).

As pregações do bispo Ambrósio o ajudaram, pois sua forma de falar das “Sagradas Escrituras” tornam compreensíveis para ele, até mesmo passagens que lhes eram obscuras. Começara, então, a ouvir com frequência o Bispo, até ser batizado por ele no ano de 387. Segundo Hamman (1990), entre eles, ocorreram embates retóricos nos quais Agostinho era vencido por Ambrósio, que se destacava como orador e dominava seu público,

Esse homem de Deus acolheu-me paternamente e ficou feliz com a minha chegada, na bondade digna de um bispo. Comecei a estimá-lo, a princípio não como mestre da verdade, pois não tinha esperança de encontrá-la em tua Igreja, mas como homem bondoso para comigo. Acompanhava assiduamente suas conversas com o povo, não com a intenção que deveria ter, mas para averiguar se sua eloqüência merecia a fama de que gozava, se era superior ou

³ Escritor, teólogo e pregador do cristianismo, cujas obras compõem parte significativa do Novo Testamento.

inferior à sua reputação. Suas palavras me prendiam a atenção (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p.83).

Agostinho de Hipona deixou Milão para voltar à África (387) com o objetivo de fundar uma comunidade religiosa em Tagaste, porém, antes de embarcar em Óstia, morreu sua mãe Mônica, o que foi motivo de profunda tristeza para ele,

[...] uma tristeza infinita invadiu-me a alma. Estava prestes a transbordar em torrentes de lágrimas. Contudo, por um violento ato de vontade, meus olhos as absorveram até secar-lhes a fonte. Eu me senti mal ao fazer tal esforço. Quando ela exalou o último suspiro, o jovem Adeodato prorrompeu em soluços, mas, instado por nós, calou-se. Assim também eu, naquele resto de infância que tendia a manifestar-se em lágrimas, também eu calava, vencido pela voz do adulto, pela voz do espírito (AGOSTINHO, Confissões, 2010, p.151).

Em 388, finalmente conseguiu realizar o sonho de fundar uma comunidade de oração e contemplação em Tagaste. Nesse tempo, morreu também seu filho Adeodato ainda muito jovem.

Em 391, o bispo Valério de Hipona já em idade avançada tem a necessidade de eleger alguém para ajudá-lo no ministério da pregação, Agostinho de Hipona foi aclamado pelo povo. Tornou-se Bispo quatro anos mais tarde. Dedicará seus últimos anos a essa tarefa, bem como aos escritos morais, dogmáticos, pastorais, entre outros. Em 28 de Agosto de 430, morreu com sessenta e seis anos de idade.

Em decorrência da importância e expansão de sua obra, Agostinho de Hipona tornou-se tema e um dos personagens cristãos mais estudado do mundo Ocidental, inclusive no campo educacional, não somente em sua grandiosa síntese de pensamento dos padres que o antecederam (CAMBI, 1999), mas também de aspectos novos e ousados que fizeram dele “O Mestre do cristianismo ocidental”, cuja pedagogia tem papel central.

Desse modo, tendo em mente seu ardor pelos estudos e sua experiência no magistério, Agostinho de Hipona compôs uma fonte inexaurível de conselhos e ensinamentos pedagógicos preocupado com a educação dos cristãos em sua obra, no qual podemos recorrer para tratar das diversas temáticas em assuntos educacionais.

4 O MESTRE NA CONCEPÇÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA: PALAVRAS E SINAIS

Para entendermos o papel do Mestre em Agostinho de Hipona e como ele atua na aprendizagem, precisaremos antes compreender o que o autor entende sobre os conceitos de palavras e sinais, uma vez que ele se utiliza desses conceitos para explicar a ação do Mestre no homem.

Em volto às suas reflexões que resultaram em uma vasta obra, sempre fora empenhado na busca pela verdade, nos diversos estágios da sua vida de modo a passar por suas experiências filosóficas. Tais imersões e confronto entre ideias permitiram o amadurecimento do pensamento de Agostinho de Hipona a ponto de torna-se capaz de interpretar mais a fundo as “Escrituras”, livro sagrado dos cristãos.

Nessa perspectiva, Agostinho de Hipona concebe a teoria do Mestre Interior, Iluminação Divina, ou seja, a ideia de que o conhecimento vem de Deus na medida em que Este ilumina a alma. Dessa forma, permite ao homem contemplar a verdade dentro de si.

Na reflexão agostiniana, a interioridade é compreendida como o espaço interior onde habita o Divino, não que seja ele mesmo o Divino, mas é habitado por Cristo, a Verdade (BÍBLIA, 1977, João 14,6). Podemos notar esse entendimento do autor quando fala:

Deus porém deve-se procurar e suplicar no próprio íntimo da alma racional, o qual se denomina "o homem interior". Quis Ele que fossem esses os seus templos. Não leste no Apóstolo: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o espírito de Deus habita em vós?" (1 Coríntios, 3,16) e que "Cristo habita no homem interior"? (Efésios, 3,16). Nem advertiste o que disse o profeta: "falai nos vossos aposentos; I ofereci sacrifícios de justiça, e esperai no Senhor"? (Salmo 4, 5-6). Onde pensas que é oferecido o sacrifício de justiça, senão no templo da mente e nos aposentos do coração? Ora, onde se deve sacrificar, aí se deve também orar (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.14)

Contudo, conforme Pereira Melo (2010), essa ideia em Agostinho de Hipona, subentende a necessidade de se realizar um movimento dentro de si para encontrar a verdade. Para isso, ele se fundamenta em diferentes fontes bíblicas para formular essa noção do Mestre Interior. Nessa compreensão, identificamos que Deus dirige esse processo, Ele é quem guia o referido processo educativo do homem.

Deus atua no homem para seu desenvolvimento e caminho até a Verdade :“[...] a

sabedoria é o conhecimento de Deus por meio de seu filho Jesus Cristo, uma vez que só Ele é a luz que ilumina a inteligência humana” (ROSINA; PEREIRA MELO, 2007, p. 9).

Entretanto, para Agostinho de Hipona, não basta que o homem tenha a vontade de chegar à contemplação da Verdade, faz-se necessária a ajuda da Graça divina, mesmo quando o homem tenha grandes aspirações. Somente a ação do homem é limitada. Por esse motivo, ele incapaz de realizar sozinho a prática educativa e chegar a Deus (PEREIRA MELO, 2010).

Esse processo pode ser favorecido quando utilizamos das palavras para indagar o que desejamos. O Mestre que habita no interior do home, pode o conduzir até a Verdade que, para ele, é Cristo.

Ora acerca de todas as coisas que inteccionamos, não consultamos alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a consultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que habita no "homem interior" (Efésios 3, 16-17), e é "o Poder incomutável de Deus, e a sempiterna Sabedoria" (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.65).

A respeito desse fato, na perspectiva de Agostinho de Hipona, podemos concluir que, a fim de chegar ao conhecimento, é necessário que o homem seja conduzido pelo Mestre para que esse revele a verdade e, por sua vez, a Verdade é Cristo que habita no interior do homem. Nessa perspectiva, todo conhecimento vem do Divino Mestre.

Amparado em Paulo de Tarso, reafirma a sua exortação de que Cristo habita no homem interior:

Para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor (BÍBLIA, 1977, Efésios 16,11).

Isso pode se dar por meio das palavra nas quais exprimimos aquilo que queremos. Assim, nós mesmos tomaremos conhecimento daquilo que desejamos.

Nessa perspectiva, Agostinho de Hipona entende que as palavras na infância não são ensinadas às crianças por meio de um adulto. Para ele, as palavras se expressam quando a criança busca manifestar seus sentimentos e necessidades:

E compreendi mais tarde como aprendi a falar: não eram os adultos que me ensinavam as palavras segundo um método preciso, como o fizeram mais tarde para me ensinarem as letras, era eu por mim mesmo, graças à inteligência que tu, Senhor, me deste, era eu que procurava, através de gemidos, gritos diversos

e gestos vários, manifestar os sentimentos do coração, para que fizessem minhas vontades (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, 1996, p.21).

No referido colóquio “O Mestre”, realizado entre Agostinho de Hipona e seu filho Adeodato, podemos entender a concepção de palavras e sinais do autor. Agostinho demonstra que a finalidade das palavras é ensinar, mesmo quando utilizadas para uma pergunta, pois, para ele, quando a pergunta tem como finalidade que alguém conheça o que desejamos saber. Isso ocorre também quando rememoramos. Agostinho de Hipona entende que esse fato similarmente ocorre quando cantamos ou cantarolamos, pois, as palavras utilizadas na canção é um tipo de recordação.

Eu porém julgo que há um gênero de ensino por meio da rememoração, e certamente importante; isto no-lo indicará o assunto mesmo da nossa conversa. Mas se és de parecer que não aprendemos quando recordamos, e que não ensina aquele que rememora, não te contrarrio. Entretanto, estabeleço desde já dois motivos por que falamos: ou ensinar ou rememorar, quer aos outros quer a nós mesmos. Isto fazemos também quando cantamos (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.14).

Em Souza (2013), explica-se que as palavras em Santo Agostinho eram sinais que possuíam algum significado aos homens. Dessa forma, Agostinho considera que os sinais se mostram por sinais que se distinguem em duas partes, ensinar ou rememorar, pois para ele, ensinamos ou rememoramos com sinais.

No meu parecer, quando falamos significamos por palavras ou as palavras mesmas ou outros sinais, como quando dizemos gesto ou leíra, pois as coisas significadas por estas duas palavras não deixam de ser sinais; ou então uma outra coisa que não seja sinal, como quando dizemos pedra. Efetivamente esta palavra é um sinal, pois significa alguma coisa; mas não se segue que seja um sinal aquilo que por ela é significado. Este último caso, isto é, o de se significar por palavras coisas que não são sinais [...]. (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.25).

Em Agostinho de Hipona, podemos compreender que a Verdade eterna está no homem. Chega-se a Ela por meio da intervenção divina que possibilita que o homem conheça a verdade (SOUZA, 2013). Nessa circunstância, Deus é concebido como o verdadeiro e único Mestre que habita no interior do homem e que possibilita que o homem chegue a essas verdades.

Desse modo, podemos compreender que, na discussão sobre a função da palavra, Agostinho entende que não se aprende as coisas por meio delas, mas que possuem papel fundamental no direcionamento quanto à busca pela verdade que está

no interior do homem que, por sua vez, o ensina.

5 MESTRE TERRENO: O PROFESSOR EM AGOSTINHO DE HIPONA

O século IV em que viveu Agostinho de Hipona foi um período de grande efervescência na Europa, onde o Cristianismo se apresentava com sua exortação de paz e amor para o homem cansado das agrúrias do seu tempo. Foi nesse espaço complexo, segundo Brown (2005), que se fez a ação agostinina. Ao mestre cabia mostrar não apenas o Cristo Libertador, mas também as suas reflexões e interpretações das Verdades da fé no sentido de preparar e/ou formar o homem para os novos tempos que estavam por vir:

[...] nos meios intelectuais já não se cultuava mais a imagem do Cristo sofredor, crucificado e morto, mas a grandeza do Verbo de Deus, Sabedoria de Deus. E os sarcógrafos de Cristo desta época o representavam sempre na forma de um Mestre ensinando sua Sabedoria a um grupo de discípulos, como um Filósofo formando seus filósofos (BROWN, 2005 *apud* OLIVEIRA, p.60, 2013)

Nessa sua preocupação formativa, Agostinho de Hipona, respaldado nos escritos bíblicos, reflete no papel do Mestre, quando exorta que não devemos chamar de “[...] mestre a ninguém na terra, pois que o único Mestre de todos nós está nos Céus” (BÍBLIA, 1977, Mateus 23. 8-10). Isso fica pontuado quando asseverou:

Os homens enganam-se, chamando mestres àqueles que o não são, porque geralmente entre o tempo da locução e do conhecimento não se interpõe nenhum intervalo; e dado que tais homens aprendem interiormente logo depois da insinuação de quem fala, julgam ter aprendido do exterior, por meio daquele que insinuou (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p. 72).

Nessa mesma linha de raciocínio, em “O Livre Arbítrio” (395), a sua abordagem sobre relacionamento com os mestres terrenos – ou seja, os professores – adverte que é necessário cautela, pois nenhum conhecimento que deles provem é direto, portanto, seguro. Contudo, para ele, por meio da misericórdia Divina, há a possibilidade de caminhar em direção a essas verdades. Podemos ter clareza disso quando discorre:

[...] podermos chegar à contemplação da eterna Verdade, e sermos capazes de gozar dela e a ela aderirmos, foi-nos proporcionado um meio vindo das coisas temporais e preparado de modo adaptado à nossa fraqueza. Consiste, quanto às coisas futuras e passadas, em crer apenas o suficiente para aqueles que, como nós, caminham em direção às realidades da eternidade. Ora, tal ensino de fé possui a mais alta autoridade, sendo dirigido pela misericórdia de Deus (AGOSTINHO, O Livre-Arbítrio, 1995, p.219).

A palavra exterior, para o nosso autor, é fundamental na condução do homem ao aperfeiçoamento que busca. Desse modo, conforme Pereira Melo (2010 *apud* SOUZA,

2013), é graças à linguagem humana que a Palavra divina posta no interior do homem, não fica sem ser descoberta.

Pontifica-se que o Mestre Interior se utiliza de “[...] uma luz mediante a qual [...] irradia na mente humana as verdades absolutas, imutáveis” (MONDIN, 1981, p. 139). Dessa forma, para Agostinho de Hipona, cabe ao professor ser o mediador entre Deus e o discípulo/aluno, auxiliando-o para que chegue a essas Verdades interiores por meio das palavras e sinais. Esse pensamento em Agostinho fica mais evidente quando discorre,

Proclamam acaso os professores que se aprenda e fixe o que eles pensam, e não as doutrinas mesmas, que eles julgam comunicar falando? Pois quem será tão estultamente curioso que mande o seu filho à escola, para que ele aprenda o que o professor pensa? Ora depois de terem [os professores] explicado por palavras todas essas doutrinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência, então aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela Verdade interior de que falamos. É então que aprendem. (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p.72).

Nesse sentido, o professor é aquele que pode utilizar-se das palavras para estimular em seu aluno a busca pelo conhecimento, pois as palavras conduzem o aluno a buscar a Verdade. Essa Verdade só será completa quando o aluno relacionar esse conhecimento externo ao seu homem interior, aquilo que por meio de palavras recebem do seu professor. Essa forma que deve ultrapassar a inteligência, o homem deve encontrar dentro de si. Segundo Pépin (2004), trata-se da luz imutável e Divina.

então aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela Verdade interior de que falamos. É então que aprendem. Tendo averiguado interiormente que foram ditas coisas verdadeiras, pronunciam louvores, ignorando que não louvam propriamente homens que ensinam, mas sim ensinados; se é que também esses professores conhecem o que dizem. (AGOSTINHO, O Mestre, 2006 p.72).

Esse processo só pode chegar a bom termo, ou seja, sem erros ou equívocos, nos dizeres agostinianos, quando, ao utilizarmos as palavras, percebermos que ferimos o ouvinte. Por isso, ao ensinar, o mestre tem que ter a capacidade de entender até que ponto deve desprezar os sons que se parecem os menos apropriados ou até mesmo incorretos, pois é utilizando dos sons o ouvinte aprender a verdade. Assim, as palavras soarão adequadas para que as coisas sejam entendidas (AGOSTINHO, A Instrução dos Catecúmenos, 2005).

Contudo, ainda que o discípulo seja instruído pelo professor, pode ocorrer de não consolidar a instrução recebida. Conforme Nunes (1978), esse fato ocorre quando o aluno recebe de seu mestre a instrução, mas, diante dela, permanece com indiferença, ou seja, imóvel.

Essa formação que se dá ao longo do desenvolvimento humano ocorre na medida em que o homem completa seu modo de ser e entende que quem guia esse processo é Deus. Nesse processo, não se pode esquecer que o professor tem um papel importante, pois:

Mesmo que para Santo Agostinho o verdadeiro mestre seja o Mestre Interior – Deus -, o mestre terreno tem um papel importante, pois favorece a ação divina e estimula seus discípulos a se voltarem para seu interior e ali buscar o conhecimento (SOUZA, 2009, p.11).

Portanto, para Agostinho de Hipona, é o próprio Deus que, por meio dos homens, nos faz voltarmos para Ele com os sinais externos para que, desse modo, possamos aprender,

Ele que também pelos homens, por meio de sinais e de fora, nos incita a que nos voltemos para Ele no nosso interior, para sermos ensinados. A vida venturosa é conhecê-lo e amá-lo. Todos proclamam que a buscam, mas poucos são os que podem alegrar-se de a ter verdadeiramente encontrado (AGOSTINHO, O Mestre, 2006, p. 72,).

Vale enfatizar que são os professores os responsáveis por levarem os alunos à busca pela Verdade em seu interior. Em “A Instrução dos Catecúmenos”, Agostinho se utiliza da palavra “despertar” para se referir ao papel do mestre para com o discípulo, palavra bastante utilizada na pedagogia atualmente.

Segundo Pereira Melo (2010), Agostinho de Hipona compreende como indispensável o auxílio da graça para o educador, pois, nessa vertente, a formação humana se dá por meio de uma ação divina que, de maneiras diversas, influi no aluno, orientando suas práticas e a sua aprendizagem por meio da graça. Para entendimento dessas questões, o autor traz as exortações epistolares de Paulo de Tarso, tradadas por Agostinho de Hipona no que se refere ao educador:

Pois, o Apóstolo não diz: “advertimos, ensinamos, exortamos”, mas diz: Pedimos a Deus, não cometais mal algum... mas, sim, que pratiqueis o bem. Não obstante, dizia-lhes também e fazia tudo o que mencionei: advertia, ensinava, exortava, corrigia. Mas sabia que tudo isto feito por ele às claras não tinha valor, se não ouvisse sua oração aquele que dá o crescimento ocultamente. Pois, como diz o mesmo Doutor dos Gentios: Assim, pois, aquele

que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus que dá o crescimento (1Cor 3,7). 4. Portanto, não se enganem aqueles que dizem: “Por que nos admoestais e nos dais preceitos para nos afastarmos do mal e praticarmos o bem, se não somos autores, mas é Deus que opera em nós o querer e o agir?” (AGOSTINHO, 1999 *apud* PEREIRA MELO, 2010).

Desse modo, na perspectiva agostiniana, compreendemos que o educador é aquele que rega. Com isso, Agostinho explica a relação entre professor e aluno. O conhecimento, para ele, é movido ao agir. Segundo o autor, esse agir é operado pelo Divino que dispõe no homem o querer para, então, ele agir.

É nesse quadro que Agostinho de Hipona integra seu conceito do professor como quem conduz ao conhecimento, mas não o realiza por si só no aluno, pois, nessa vertente, o Divino é quem dá o conhecimento, o professor então é seu instrumento nessa tarefa. Dessa forma, a pedagogia agostiniana entende a importância da ação do professor de tal modo que este não deixe de fazer sua parte. Para ele, quando o mestre faz sua parte com amor e gosto, sua terra terá produzido seu fruto, ou seja, o conhecimento.

Em Agostinho de Hipona, a graça não dispensa a iniciativa humana, pois, para ele, com a graça “[...] não somente é capaz de saber o que há de fazer, mas também, com sua ajuda, pode fazer com amor aquilo de que tem conhecimento” (AGOSTINHO, *A Correção e a Graça*, 1996, p. 86-87).

Podemos concluir que, na educação Agostiniana, o papel que o professor possui para com o seu aluno é de grande relevância, pois esse mestre é responsável por favorecer a compreensão da Verdade aos seus alunos. É dessa forma que o aluno chega ao conhecimento.

Além disso, o mestre já contemplou o conhecimento em si e utilizará das palavras e sinais para que os discípulos também sejam conduzidos em direção ao Mestre Interior. Conforme Lucas (1984 *apud* Souza, 2013, p.109) “O educador deve viver numa tensão contínua em direção à verdade, estudando-a, assumindo-a, apresentando-a”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Agostinho de Hipona demonstra um caminho educacional com base no conhecimento interior do homem. Foi fundamental para a civilização do século IV e até hoje podemos ver traços dessa pedagogia também na atualidade, por exemplo, o conceito de mediação do professor entre aluno e o conhecimento.

Compreendemos, nessa perspectiva, que o diálogo entre professor e aluno é uma das bases para a aprendizagem, pois é no uso das palavras que o professor realiza a mediação entre aluno e conhecimento.

Em Agostinho de Hipona, esse processo trata-se de uma ação guiada pelo próprio Deus, cuja realização se dará em seu interior por meio do encontro com a Verdade plena. Sendo assim, “Deus é, portanto, concebido como o Verdadeiro Mestre, o Mestre interior, quem ensina verdadeiramente, possibilitando que os homens cheguem à verdade dentro de si” (SOUZA, 2013, p.98). Essas concepções pedagógicas e elaborações formativas agostinianas marcaram profundamente o tempo, cujos reflexos, quer no modo de vida dos homens, quer na organização social, são vislumbrados com o objetivo de responder as necessidades postas pelo cristianismo.

Pensar no papel do mestre na abordagem agostiniana pode oferecer, de alguma forma, suporte para compreendermos a relação professor-aluno e do processo de ensino. Embora tais pressupostos remontam época anterior e foram pensados para os homens de tempo pretérito, ainda possuem aspectos que guardam importância para pedagogia atual e que podem contribuir, também, de alguma forma para a sociedade contemporânea.

Além disso, o estudo dos conceitos de palavras e sinais, elaborado por Agostinho de Hipona, possibilita compreender como se pode pensar a dinâmica comunicativa da educação, os aspectos ensino-aprendizagem, em qualquer tempo e lugar, por certo, respeitando a sua temporalidade e as especificidades de cada tempo histórico. Há sempre algum ponto relevante e eficaz nas metodologias antecessoras que pode ser integrado aos métodos educacionais vigentes.

Com relação à atuação do professor, consideramos que a ideia pedagógica

presente nas obras agostinianas foi de grande relevância para a educação, visto que apontam uma pedagogia com base na relação entre professor e aluno para que a tarefa educativa seja realizada. Inclui-se, nesse processo, Deus como o grande educador; enquanto o mestre, trata-se de um facilitador para que a ação formativa se completasse.

A influência do pensamento Agostiniano na educação se deu para além do seu tempo, particularmente na Idade Média, mas não se ateve só nesse período, visto ser possível encontrar traços dessa educação até nos tempos atuais, a exemplo do magistério da Igreja e das escolas de cunho confessional agostiniano. As reflexões formativas agostinianas tinham por fim apontar caminhos até a formação do homem ideal cristão, mas, para isso, era preciso o desejo do homem de buscar o seu aperfeiçoamento, ou seja, sair do estado de miserabilidade em que vivia para iniciar o seu processo de formação, de santificação, até alcançar o homem pretendido por Santo Agostinho.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Correção e a Graça**. São Paulo, Paulus, 1999.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Instrução dos Catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Doutrina Cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **O Livre-arbítrio**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **O Mestre**. 3. Ed. São Paulo: Landy Editora, 2006.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Solilóquios**. São Paulo: Paulus, 1998b.
- BIBLIA SAGRADA. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1999.
- CAPORALINI, J. B. **Reflexões sobre O Essencial de Santo Agostinho**. Maringá: Chicletec, 2007.
- CARY, P. **Signs and inwardness: Augustine's theological epistemology**. Yale University, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^o ed. São Paulo-SP. Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAMMAN, A. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MONDIN, B. Agostinho de Hipona. In: MADUREIRA, P. P. S. **Curso de Filosofia**: os filósofos do Ocidente. 6. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. (Volume 1).
- NUNES, R. A. C. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: USP, EDUSP, 1978.
- NUNES, R. A. C. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: USP, 1979.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. **Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade**. Recife, UFP, 2013.

PÉPIN, J. Santo Agostinho e a Patrística Ocidental. In: CHATELET, F. (Dir.). **História da Filosofia: Idéias, Doutrinas**. Vol. 2 – A Filosofia Medieval: do século I ao século XV. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

PEREIRA MELO, J. J. Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 24, n. 48, p. 409-434, jul/dez 2010.

REALE, G.; ANTISERI, D. Santo Agostinho e o apogeu da Patrística. In: SANTO AGOSTINHO. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Volume I).

ROSINA, D.; PEREIRA MELO, J. J. . A organização do trabalho didático na antiguidade tardia: Santo Agostinho e a Educação dos catecúmenos. In: VII Jornada do HISTEDBR, 2007, Campo Grande. **Anais da VII Jornada do HISTEDBR**. Campo Grande: UNIDERP, 2007.

SOUSA, Wélia Leão de.; PHILIPPSEN, Neusa Inês. Música: um recurso didáticometodológico para as aulas de Língua Portuguesa. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 2, n. 4, 2009.

SOUZA, Mariana Rossetto. **SANTO AGOSTINHO E A EDUCAÇÃO: A CAMINHADO DO HOMEM EM BUSCA DO MESTRE INTERIOR**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2013.